

A MEDICINA TROPICAL EM MOÇAMBIQUE - ECOS DAS MISSÕES MÉDICAS DA ESCOLA DE MEDICINA TROPICAL DE 1910 E 1927

Isabel Amaral

CIUHCT - Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Monte da Caparica
ima@fct.unl.pt

A medicina tropical enquanto disciplina autónoma surgiu em Portugal, em 1902, na Escola de Medicina Tropical de Lisboa. Para além do ensino servia como pólo de desenvolvimento científico entre Portugal e as suas colónias em África.

O processo de institucionalização da disciplina em Portugal, à semelhança do que aconteceu nos restantes países europeus, particularmente em Inglaterra e em França, está directamente associado com o intercâmbio de conhecimento das doenças tropicais entre as colónias e a metrópole, de forma bidireccional. Entre as grandes contribuições no domínio da medicina tropical, para a consolidação disciplinar, não podemos deixar de reflectir sobre uma doença tipicamente africana, a doença do sono, na qual os investigadores portugueses da Escola de Medicina Tropical de Lisboa, se vieram a distinguir, particularmente mercê das contribuições realizadas por Ayres Kopke (1866-1944), e pelo seu grupo de investigação sobre a utilização do Atoxyl no tratamento da doença do sono. Este facto teve reflexos imediatos nas missões de estudo realizadas pelas várias missões médicas ao serviço do Estado português, entre 1902 e 1935. As primeiras missões tiveram como alvo, duas das províncias ultramarinas mais ricas e mais fustigadas pela doença, a Ilha do Príncipe (1904, 1907 e 1911) e Moçambique (1910 e 1927).

Pretende-se neste trabalho analisar as duas missões que a escola dirigiu em Moçambique, a primeira conduzida por J. Firmino Sant'Anna, a segunda, por Ayres Kopke. Neste contexto analisar-se-ão vários aspectos de interesse para Moçambique, para Portugal e para a medicina tropical em geral, no âmbito da identificação do vector transmissor, da profilaxia e do tratamento da doença, por um lado, e da autonomia científica da colónia pela criação de um instituto de investigação médica, no Hospital Miguel Bombarda em Lourenço Marques, bem como da integração de Portugal nas redes de controlo epidémico internacional em Moçambique e nos territórios adjacentes, por outro.

A missão de 1927 revela de forma mais evidente o intercâmbio internacional no estabelecimento de linhas de acção próprias para consolidar a hegemonia colonial, pelas colaborações realizadas entre a missão portuguesa em território moçambicano e a uma missão britânica no Entebe (Uganda), dirigida por Andrew Balfour (1873-1931), da Escola de Medicina Tropical de Londres, no contexto das deliberações provenientes das Conferências Internacionais sobre a doença do sono, na qual fazia parte Ayres Kopke como representante da Escola portuguesa.

A medicina exercida nos trópicos, após a conferência de Berlim, deixou de ser considerada apenas definida por fronteiras científicas, mas tornou-se também objecto de fronteiras políticas, pela necessidade de estabelecer uma cartografia epidémica de África., crucial para a consolidação da área e para o sucesso do projecto imperial. As missões médicas nas colónias tornam-se assim um dos instrumentos de análise desta relação dicotómica entre a metrópole e as colónias, nas quais estas duas missões realizadas em Moçambique são exemplo.

Palavras-chave: Medicina Tropical, doença do sono, Hospital Miguel Bombarda, Lourenço Marques, Firmino Sant'Anna Ayres Kopke